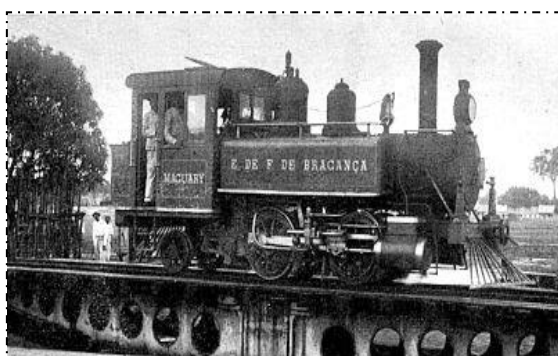


REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

A LINDANOR E A CELINA, LINDANOR E MACHADO COELHO, LINDANOR E DALCÍDIO

Rosa Assis

Lindanor e Celina – meninas-colegas-amigas – conviveram juntas entre risos, gargalhadas e muita alegria, mesmo nascendo em lugares diferentes: Lindanor em Castanhal, e Celina, em Bragança.



*Ó trem,
me leva para Belém,
Ó trem, ó trem,
me leva para Belém*

(www.wikipédia.com, acesso 20/09/2017)

Depois de percorrem tantas ‘estradas do tempo’, reencontraram-se em Belém. Lindanor ia, constantemente, na casa de Celina, que estava sempre de portas abertas para receber a amiga. A conversa entre elas, muitas vezes era compartilhada pela prole de Celina, que também ria do que ouvia, e cada vez mais se familiarizara com Lindanor, a ‘eterna’ menina que veio para Belém. Vejamos uma das recordações dessas meninas

quando estavam em Bragança, relatadas por elas: enquanto aguardavam uma colega que fora ao banheiro.

– Celina disse: Lindanor, ela está demorando.

– Prontamente Lindanor respondeu: Celina, ela deve ter “bexiga de cavalo”. E o riso *espantou* aquela demora.

Em Belém, moravam perto uma da outra: Celina, Praça da República, (Largo da Pólvora) e Lindanor, na Frei Gil de Vila Nova – o grande referencial entre as duas casas – o Teatro da Paz – pois sua frente podia ser vista da esquina da casa de Lindanor e os fundos, da janela da casa de Celina. Era só atravessar a Praça, pronto... como elas diziam. A proximidade era tanta que por vezes ligava Lindanor para sua amiga e dizia: – Celina, já apanhei os uxix, manda buscar. Logo mais, as crianças, alegres e tranquilas, já estavam com os uxix, numa sacola de pano, para mais tarde todos se deliciarem com o presente colhido por Lindanor.

Curiosamente, Lindanor levava toda terça-feira a PÉ, três das filhas de Celina para, junto com ela, assistirem a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No caminho ia conversando com as meninas, no seu ritmo, e falando sobre as ruas, as passagens, as lojas, a beleza das casas, por onde passavam. Por vezes, e do nada, acabava Lindanor falando algumas palavras em francês, como ocorrera ao passar defronte de uma loja de propriedade de seu marido – o Val – ‘aqui é a loja de *mon mari*’, ria, e logo versava para o português.

Também ao longo dessas idas e vindas gostava Lindanor de apreciar o que via nas casas, em especial, aquelas ajardinadas, floridas. Parava defronte, batia palmas, e pedia para falar com alguém, mas adiantava logo que era sobre esta ou aquela planta.

Quando a proprietária vinha e perguntava a ela, você disse...?

Ela respondia:

– ‘Dizia eu ...’ e, como era de se esperar, vinha logo o riso das meninas, e quanto riso...

Em determinada ocasião, Celina foi visitar a amiga que havia operado o joanete – surpresa – a amiga e as filhas foram recebidas por Lindanor, enrolando-se no chão, – era uma misto de engatinhar e se arrastar, pois, segundo ela mesma dissera, o seu médico recomendara não pisar no chão, não andar. As filhas de Celina, riam e riam e riam, brincavam com o jeito de menina, daquela risonha-rouca-ruiva.

Outra maravilha colhida no corredor da casa de Celina, que terminou documentada, poeticamente, por Lindanor em uma de suas crônicas: precisamente, “Palavras apanhadas no chão da infância”, foi esta singular conversa, ouvida por ela mesma, quando a filha mais nova de Celina foi convidada por suas irmãs para dar uma volta, como se dizia ontem.

– “maninha, vais sair conosco”

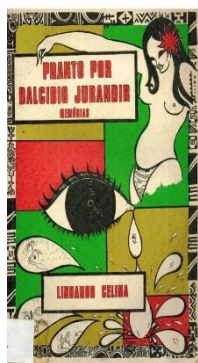
– infantilmente, respondeu ela: *não, não, eu não vou, eu não conheço o nosco.*

Por tudo isso e muito mais, inegavelmente, dizemos que Lindanor consegue escrever, falando, ou fala escrevendo, é como sempre digo: o falado no escrito, que soa alto, que você, ‘escuta’ e rever o visto. Palavras-faladas passeiam em suas páginas, assim o ‘disque’, ‘vôte’, ‘inda’ ou mesmo, o ‘rebentar’, a ‘boquinha-da-noite’, sempre encantam os leitores.

Vejamos, agora outra situação: conforme ela mesma nos diz na sua trajetória consagrada, da *Menina que vem de !!!!*

Celina era esposa de Machado Coelho, e Lindanor sempre estava perto do casal, de dia ou de noite. A casa deles era conhecida com a ‘varanda’ de Machado Coelho, ponto de encontro da intelectualidade, paraense, e, por vezes, brasileira.

Dalcídio era muito amigo de Machado Coelho, e Lindanor se encanta com o que vê e ouve naquela ‘varanda’, a ponto de registrar em seu *Pranto* o que sentira:



Dele eu só conhecia o *Chove nos campos de Cachoeira* e o *Marajó*. E os prêmios, a lenda, o mito. O inacessível. Dalcídio Jurandir estava para mim mais alto que uma estrela. Exatamente uma estrela. E me espantei ao ouvir Machado Coelho falar nele com uma intimidade de compadre, de irmão. Eu ouvia, olhos acesos e calada, o nome de Dalcídio naquela sala, saltando da boca de Paulo Plínio de Abreu a do Ruy Barata, do Ruy ao Francisco Paulo Mendes, do Mendes à de Doutor Raymundo Moura e de Moura de novo ao Machado; eu me cochichava: mas que sorte eles têm de o conhecerem assim tão de pertinho, um homem desses, o maior romancista do Brasil (CELINA, 1983,p.11).

Foi este amigo de Machado Coelho e, logo depois, também de Lindanor, quem a ajudou e muito a dar continuidade as suas produções que estavam caminhando de braços abertos para o mundo da literatura.

Lindanor depois de escrever e passar a limpo as páginas e páginas de seu primeiro romance procurou os amigos Machado Coelho e Raymundo Moura (este seu chefe), para junto com ela dizer de ‘de onde vem aquela Menina....

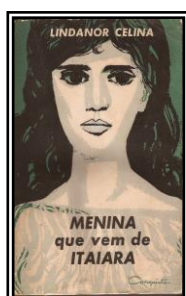
Machado sugeriu um, lindo: Menina que vem de *Maindeua*. Doutor Raymundo Moura, meu chefe então no Tribunal, foi quem criou a palavra *Itaiara*, achamo-la juntos, os dois. (CELINA, 1983, p.130)

Segundo passo, publicar o seu TUDO, como ela mesma assim dissera. Mérito consagrado, da admirada e respeitada escritora que agora ia com certeza, chegar lá:

Pronto o livro, armei viagem e lá me fui, levando recomendações de Machado Coelho ao seu compadre e amigo Artur César Ferreira Reis. Que foi comigo à editora Conquista, de Sebastião Hersen, louvando-lhe o meu livro e assegurando-lhe a ele, Hersen, que não perderia em edita-me pois eu era “uma escritora”. (CELINA, 1983,p.131)

Agora está aí MENINA que vem de ITAIARA

Novamente, Dalcídio assim *fala*:



Lindanor Celina, neste seu primeiro livro, nos fala de uma cidade do interior paraense onde a personagem principal, menina bem levada, viveu e guardou na memória e no coração as imagens da família, da vizinhança, da meninice, dos costumes, um instantâneo de pessoas, bichos e coisas de Itaiara. A cidade é servida por um trem e banhada por um rio aos fundos. Entre este e aquele, vive a menina os seus sonhos e seus espantos, vagorosamente apreende o mundo, e quer um dia ver Belém que lhe parece meio incomunicável, meio faz-de-conta.

Cenas e situações do livro mostram a boa observação da autora, o seu cuidado em fixar o que viu, o que amou e desamou. A cidade interessa-nos, de fato; sabemos de seus probleminhas que ali se tornam problemões, saborosos e amargos incidentes de uma comunidade quieta-quieta, muito de dentro de casa. A autora *conversa* mais que *escreve*, usando de sua franqueza, ou candura, ao puxar os assuntos com vivacidade. O romance foi feito à mesa de jantar para atender as crianças e destampar a panela, em manhãs de Belém ou durante a sesta, daí um odor de varanda e caramanchão de almofada de rendas e rede armada debaixo da mangueira, de meninas suadas chegando da escola, que o livro tem.

Estreando com este romance, Lindanor Celina incorpora-se ao pequeno grupo de escritores paraenses que não se desgarram da província e juram amor constante aquelas criaturas e coisas sempre tão ignoradas e remotas, que são o Pará. (CELINA, 1963, contracapa do romance).

Há tantas outras recordações e passagens das filhas de Celina e Machado Coelho da convivência com Lindanor. Entre elas estou eu: Rosa Assis

Recordações e saudades da Mamãe Celina e a da Lindanor

– brasileira / portuguesa / francesa

ao mesmo tempo.

Castanhal, Bragança, Belém, Rio de Janeiro, Paris

Outubro/ 2017

Referências:

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. Rio de Janeiro, Conquista, 1963.

_____. **Pranto por Dalcídio; memória**. Belém, Falângola, 1983.

Sobre a autora:

Doutora em Letras/Letras Vernáculas (UFRJ,1979), mestra Língua Portuguesa (UFRJ,1979). Foi professora da Universidade Federal do Pará e da Universidade da Amazônia. É pesquisadora especialmente da obra de Dalcídio Jurandir, entre outros escritores da Literatura de Expressão Amazônica. Tem dado uma grande contribuição aos estudos da língua e da literatura, por meio de palestras, conferências e de livros e artigos publicados.